

Em Londres, fundam-se diversos clubes francófilos. Um deles, a "Sociedade Correspondente de Londres", criada por Thomas Hardy, cheia de admiração, congratula-se com a Convenção pela conquista da liberdade e pelas "bênçãos" que estão a esperar dela "para a humanidade". Da América, Thomas Paine, que, nas suas publicações, defende, desde decênios, a idéia da igualdade, acorre a Paris para assistir à realização histórica de suas reivindicações.

Levada pelo entusiasmo, a princesa Rosalie Lubomirska mal suporta viver como senhora nas suas terras da Polónia. Segue para o país da nova liberdade. Cumpre dizer que lá fôra somente para, dentro em breve, encontrar a morte no cadafalso.

Traduzida em tôdas as línguas, impressa em lenços de algodão, a Declaração dos Direitos do Homem é expedida para todo o mundo e exerce a mais durável influência até nos pampas da América do Sul.

Todavia, êsse documento não provocara somente entusiasmo e animação revolucionária e sim consternação e medo. O ministério prussiano proíbe espalhar qualquer notícia concernente aos acontecimentos de Paris. No Palatinado, a introdução de jornais franceses é punida de prisão. Na Áustria, as autoridades proibem às famílias terem professores franceses, aias ou criadas de origem francesa.

De todos, é Catarina a Grande que reprime o mais enérgicamente qualquer tentativa de proclamar no seu Império o princípio dos direitos do homem. E' a primeira também a encarar a possibilidade dum ataque armado contra a França revolucionária. Essa madrinha e protetora da filosofia enciclopédica da "Aufklaerung", reconheceu, muito antes de qualquer de seus colegas europeus, quão perigosa para o domínio dos Poderosos se podia tornar a doutrina dos direitos naturais de igualdade e de liberdade.

Quando Diderot, seu estimadíssimo amigo e professor, a exorta a renunciar voluntariamente ao poder autocrático, porquanto mesmo o déspota mais humano comete um crime para com seu povo, a Tzarina responde-lhe com uma ironia amável: "Não resta dúvida que, de vossos grandes princípios, resultam livros bonitos, mas infelizmente também maus negócios. Trabalhai sobre o papel indulgente. Eu, pobre imperatriz, tenho de operar na pele dos homens, que é muito mais susceptível."

* * *

Quando o extravagante barão Anacharsis Clootz apresentou seus exqu岸itos "Representantes da Raça Humana" à Assembléa Nacional de Paris, êsse cortejo de comediantes travestidos causara simplesmente a impressão duma alegoria bastante ingênua destinada a representar de modo concreto a liberdade, a igualdade e a fraternidade de tôdas as nações e de tôdas as raças.

Na realidade, os chineses, os espanhóis, os ingleses e os austríacos viviam fora do alcance da Revolução Francesa. Ainda que em cidades alemãs mulheres celebrassem festas com o chapéu ornado de eocardas revolucionárias; ainda que lá, poetas, filósofos e outros idealistas saudassem a aparição dum novo mundo na proclamação dos direitos do homem, tudo isso não passava dum entusiasmo platônico. Contra tumultos isolados, havia a polícia e a "gendarmeria" e, por enquanto, nenhum desses povos engastados em constituições feudais e autocráticas tinha possibilidade alguma de usar dos direitos que lhes outorgava a Assembléa Nacional de Paris — sem falar dos Caldeus, em cujo nome apresentara-se em Paris um homem com a cabeça adornada dum barrete, muito embora tivessem desaparecido há milhares de anos.

No que diz respeito aos negros, a coisa era bem diferente: não somente existiam, mas boa parte deles até vivia sob o domínio francês. Pouco importava que entre as colinas artificiais, as grinaldas festivas e os fogos de artifício da patética festa de confraternização do Campo de Marte houvesse apenas um figurante pintado de fuligem como representante da humanidade negra, — nas florestas virgens da ilha longínqua de São Domingos, meio milhão de legítimos negros selvícolas, naturalmente dotados duma pele preta, não tardam a unir-se e a reivindicar para si os direitos do homem recentemente proclamados.

Os tripulantes dos navios vindos da Europa haviam trazido ao Cap Haitien a primeira nova a respeito da decisão do novo governo de Paris de considerar todos os homens como iguais. Das tavernas do pôrto, o rumor dessa grande promessa alcançou rapidamente os negros e propalou-se de boca em boca por toda a grande ilha, até o fundo de suas florestas virgens. Sem dúvida, no começo, a selva conseguira compreender bem pouca coisa do que estava ouvindo. Os marinheiros brancos tinham empregado palavras nunca dantes ouvidas pelos negros e para as quais não havia correspondentes em sua língua: "Direitos do homem", "igualdade", "liberdade", "Assembléa Nacional" — tudo isso formou, ao princípio, apenas uma desconcertante embrulhada de sílabas.

Os próprios anciãos, os sacerdotes Woodoo e os feiticeiros, ficavam, de momento, perplexos ante as comunicações que lhes traziam às secretas aras de sacrifício. Mas os "marrons" i. é, os escravos fugitivos das plantações, reunidos em quadrilhas de ladrões, que, na sua fuga perpétua ante as tropas do governador, viviam nas matas mais impérvias, em virtude do faro seguro dos animais perseguidos, adivinharam imediatamente que chegara o momento de voltar-se contra os perseguidores, de atacá-los de surpresa e acabar com sua dominação.

Nas casas dos plantadores brancos e dos proprietários, não é pequena a emoção causada pela notícia das decisões tomadas em Paris.